

TUDO SER QUE RESPIRA LOUVE AO
SENHOR: PARÂMETROS PARA
PENSAR A MÚSICA CÚLTICA E A
MÚSICA NÃO-CÚLTICA A PARTIR
DE UMA COSMOVISÃO CRISTÃ.

*EVERY BEING THAT LOVES THE LORD:
PARAMETERS FOR THINKING CULTURAL
MUSIC AND NON-CULTURAL MUSIC
FROM A CHRISTIAN COSMOVISION*

Romeu Vieira Damacena⁴³

⁴³ Bacharel em Teologia pela Faculdade Internacional Cidade Viva.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar alguns parâmetros a partir de uma cosmovisão cristã para pensar a relação entre música cültica e música não cültica. Para isso, vamos fornecer alguns princípios para que os cristãos possam pensar tanto a música cültica, quanto a música não cültica, mostrando que os cristãos não devem ver a música a partir de um dualismo entre coisas de Deus e coisas 'do mundo', mas a partir da cosmovisão cristã. Esse artigo está dividido em quatro partes. Na primeira parte, falamos um pouco sobre como a visão cristã é influenciada pelo dualismo. Na segunda parte, queremos mostrar a partir de uma cosmovisão cristã baseada na criação, queda e redenção, como o cristão deve perceber a música e a realidade da criação de Deus. Na terceira parte, vamos tratar sobre o conceito de graça comum, isto é, a ordem de desenvolver cultura tal como dada à toda humanidade no princípio de todas as coisas. Por fim, na última parte vamos oferecer alguns princípios a partir de Schaffer tanto para se pensar a música cültica, quanto para se pensar a música não cültica.

PALAVRAS-CHAVE

Música litúrgica; cosmovisão cristã; música cültica; música não-cültica.

ABSTRACT

The objective of this work is to present some parameters from a Christian worldview to think about the relationship between cultic music and non-cultic music. To this end, we are going to provide some principles for Christians to be able to think of both lyrical

and non-lyrical music, showing that Christians should not see music from a dualism between things of God and things of the world, but from the Christian worldview. This article is divided into four parts. In the first part, we talked a little about how the Christian view is influenced by dualism. In the second part, we want to show from a Christian worldview based on creation, fall and redemption, how the Christian must perceive the music and the reality of God's creation. In the third part, we will deal with the concept of common grace, that is, the order to develop culture as given to all humanity at the beginning of all things. Finally, in the last part we are going to offer some principles from Schaffer both for thinking about music, as for thinking about non-music.

KEYWORDS

Liturgical music; christian worldview; cult music; non-cult music.

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é apresentar alguns parâmetros a partir de uma cosmovisão cristã para pensar a relação entre música cültica e música não cültica. Em outras palavras, queremos fornecer alguns princípios para que os cristãos possam pensar tanto a música cültica, quanto a música não cültica. E isso porque geralmente os cristãos veem a música, não a partir de uma cosmovisão cristã, mas de um dualismo entre coisas de Deus e coisas 'do mundo'. Por isso, se faz necessário mostrar como uma cosmovisão cristã saudável poderia nos ajudar a superar esse dualismo, tanto nas músicas cülticas, quanto não cülticas.

Esse artigo está dividido em quatro partes. Na primeira parte, falamos um pouco sobre como a visão cristã é influenciada

pelo dualismo. No dualismo, temos duas realidades da existência que trabalham em chave de exclusão, dois elementos colocados de modo conflitivo onde um tenta prevalecer e anular o outro. Dentro do cristianismo, há a ideia de que as coisas espirituais e coisas do alto são superiores às coisas 'do mundo' e essa é a chave que muitos cristãos usam para pensar a música. Na segunda parte, queremos mostrar a partir de uma cosmovisão cristã baseada na criação, queda e redenção, como o cristão deve perceber a música e a realidade da criação de Deus. Um elemento importante nesse contexto é a graça comum. Por isso, vamos na terceira parte falar sobre o conceito de graça comum, isto é, a ordem de desenvolver cultura tal como dada à toda humanidade no princípio de todas as coisas. Assim, veremos que cada pessoa é livre para desempenhar música a partir desta graça e muitas vezes obras belíssimas, mesmo não estando inseridas em um contexto cúltil, gera contribuição para a cultura expressada por sua música. Por fim, na última parte vamos oferecer alguns princípios a partir de Schaffer (2009) tanto para se pensar a música cúltil, tanto para se pensar a música não cúltil.

2. DUALISMO E MÚSICA

O primeiro tópico deste trabalho diz respeito ao dualismo. Sobre esse tema, temos o seu forte início nos pensamentos de Platão que viveu entre 428 a 348 a.C., em Atenas na Grécia antiga, influenciando mais tarde os romanos que absorveram o mesmo pensamento em sua filosofia. No dualismo, temos duas realidades da existência que trabalham em chave de exclusão, dois elementos colocados de modo conflitivo onde um tenta prevalecer e anular o outro.

Em Platão, o pensamento dualista faz distinção entre matéria e o mundo das ideias, mais tarde sendo desenvolvido na igreja através de Santo Agostinho. Em seu pensamento ele acreditava que as coisas consideradas seculares eram boas, porém as sagradas são melhores, tendo em vista um pensamento que valorizasse as coisas do alto.

No dualismo clássico Platão dividia o mundo das ideias, um mundo imaterial, um mundo ideal, um mundo contemplativo, um mundo onde nós deveríamos almejar chegar. Já o mundo das coisas é o mundo da matéria, o mundo da carne, o mundo do físico, o mundo do mal do qual nós devemos tentar a todo custo nos libertar; enquanto estivéssemos aqui presos neste mundo da matéria nós estaríamos limitados a contemplar a verdade. Para Platão, a verdade é um conceito de afirmações, um conjunto de falas consideradas verdadeiras que só poderá ser alcançado quando nos livrarmos deste corpo mau. Como consequência desses ensinamentos, muitos desprezam o corpo físico, desprezam a realidade dessa vida, vêem o corpo como algo que deve ser anulado e desprezado.

Agostinho foi fortemente influenciado pela teoria dualista de Platão, que fazia uma divisão entre o mundo das ideias e o mundo dos sentidos. Ele transformou a teoria platônica, de modo a adaptá-la à religião: o mundo ideal seria o mundo de Deus (Cidade de Deus), enquanto o mundo das coisas seria o dos seres humanos. Para Santo Agostinho, esta se tornou uma ideia que poderia ser adaptada. Ele também ajudou a desenvolver o que chamamos de neoplatonismo; em seu ponto de vista, e diferente de Platão, a matéria era boa porque havia sido criada por Deus, mas seguindo o dualismo platônico, as coisas espirituais e coisas do alto eram superiores, criando assim um efeito colateral, pois

agora se entendia que as coisas das esferas do alto como os jejuns prolongados, era melhores do que cuidar do corpo; o celibato era superior ao casamento; a autoflagelação se tornou uma forma de anular a corporeidade para exaltar a suposta espiritualidade, e assim se foi fomentado o dualismo religioso. Este pensamento, basicamente platônico, tem influência no cristianismo.

Podemos entender melhor uma atitude da igreja moderna voltando ainda mais um pouco no tempo, pois o dualismo sempre foi algo que rondou a igreja cristã. Para ser mais preciso, no primeiro e segundo séculos, quando a teologia cristã estava nascendo e teve uma aproximação com a filosofia grega no processo de helenização do cristianismo⁴⁴, isso foi importante pois deu uma base para teologia cristã que ainda não tinha e que lhe permitiu ser comunicada a todo mundo antigo; mas este casamento não saiu de graça porque trouxe influências para a mensagem cristã que ainda era incipiente naquele momento; uma destas influências foi o dualismo. Na verdade, ele é tão antigo que existem textos bíblicos condenando o dualismo, tanto na carta de Paulo a Timóteo, quanto na primeira carta de João.

No início do cristianismo teve uma corrente cristã que abraçou o dualismo como prática de vida e de crença, chamada de gnosticismo⁴⁵. Os gnósticos eram pessoas que negavam a realidade do corpo e da matéria para alcançar uma verdade plena, conforme Platão ensinou.

⁴⁴ *Helenização do cristianismo foi o processo de assentar a mensagem cristã sobre as bases do pensamento grego, sobre o processo de compreensão lógica e argumentativa.*

⁴⁵ *Gnosticismo é o conjunto de correntes filosófico-religiosas sincréticas oriundas da religião do mediterrâneo durante os séculos I e II depois de d. C., alicerçado em interpretações de relatos bíblicos e apócrifos pelo viés filosófico médio-platônico e de cultos e de cultos de mistérios greco-romanos e orientais.*

João conheceu um homem chamado Cerinto que foi um dos primeiros líderes que ensinou o gnosticismo, que trazia um ensinamento que desprezava aquilo que Jesus tinha ensinado da sua encarnação, usava uma teoria chamada de “docetismo” que significa “parecer ter” e ensinava que Jesus não encarnou, que Jesus não tinha um corpo de carne e osso como nós temos, que o verbo não se humanizou, que isso seria uma loucura. Ou seja, ao Deus encarnar e morrer, ainda que temporariamente, essa era uma loucura para o pensamento grego porque o que era imaterial jamais assumiria a materialidade que é vista pelos gregos como algo ruim ou pejorativo.

O gnosticismo dizia que Jesus apenas parecia ter um corpo físico, mas que na verdade era um corpo espiritual embora visível. Este ensinamento vai inteiramente contra ao pensamento cristão, pois isso era negar a essência do que Jesus fez e nos ensinou; muitos tem a dificuldade de entender Jesus como homem, como participante desta criação de maneira ativa, e que assim interagiu como ser humano e estava ligado com toda a criação mesmo ela ainda estando sob a influência do pecado. Assim é o dualismo que presente na igreja hoje, pode desvirtuar a ideia de que a matéria ou a criação de Deus é algo bom, sendo trazida através de ensinamentos deturpados, fazendo com que os que não querem desagradar a sua religião faça uma distinção rígida entre coisas de Deus e coisas do ‘mundo’, levando a entender como pecado o desenvolvimento de qualquer música que seja considerada não cúltica.

Ainda sobre o dualismo, São Tomás de Aquino contribuiu com essa linha de pensamento trazendo outro tipo de dualismo: o de natureza e graça. Na natureza estava a criação caída e na graça estava a obra de salvação de Deus. Na graça estão as

opções religiosas como “Deus”, “céu”, “sobrenatural”, “a alma humana”; na natureza estão a “criação”, bem como as “coisas terrenas”, como o “corpo humano”, o “homem” e o “visível”. Dentro deste dualismo, havia uma superioridade da graça sobre a natureza; a vida humana e todas as coisas que fazemos devem estar voltadas para cima, para o sobrenatural, na direção de Deus. O que ele não esperava é que, com o passar do tempo, essa separação entre natureza e graça daria vazão ao pensamento moderno que particularizou a fé e deu início a uma separação, e até a um isolamento do pensamento cristão apoiado mais tarde pelo movimento Iluminista. No livro *Verdade Absoluta*, Nancy Pearcey conta uma história curiosa que ilustra isso:

Em certa escola secundária cristã americana, um professor de teologia colocou-se à frente da sala de aula e, de um lado do quadro negro, desenhou um coração e, do outro, um cérebro. Os dois desenhos ocupavam partes iguais do quadro. Virando-se para a classe disse: O coração é o que usamos para a religião, ao passo que fazemos uso do cérebro para a ciência (PEARCEY, 2017, p. 21).

Essa narrativa ilustra bem a tentativa de restringir a religião ao domínio do “coração” – entendendo o coração não no sentido bíblico do termo, mas no sentido pós-moderno de sentimento subjetivo e fórum íntimo.

Na sociedade pós-moderna, muitos cristãos e não-cristãos parecem concordar que a religião é apenas uma questão subjetiva de escolha pessoal e que não tem ligação com a

racionalidade, com a cultura, com o espaço público ou com fatos verdadeiros sobre o mundo. Este pensamento também tem uma forte influência na música dentro da igreja: o que chamamos de música cúlrica cada vez mais foi vista de maneira 'abstrata' e 'espiritual', colocando-a em uma posição quase que sobrenatural; assim, cada vez menos ela se comunica com a criação e com o que é belo, se isolando assim como a igreja:

Uma das principais consequências desse tipo de dualismo é que Deus e o cristianismo passaram a ser reduzidos à esfera "religiosa". Com isso, a Bíblia se tornou irrelevante para a maior parte da vida das pessoas. Passaram a existir atividades "sagradas", "religiosas", como a oração, o culto e a leitura das Escrituras, ao passo que o sexo e o entretenimento eram vistos como de "domínio secular"; atividades como "pastor" e "missionário" eram trabalhos voltados "para Deus"; "jornalista", "professor" e "político" eram atividades seculares que as pessoas exerciam simplesmente para "ganhar a vida". O mais importante, no final, era a salvação da alma individual. (NASCIMENTO, 2020, p. 15).

A igreja teve uma boa contribuição nesse processo citado por Bruno Nascimento (2020) e até hoje vive de certa forma em um isolamento. Os líderes desenvolveram um tipo de etnocentrismo a partir desse dualismo, isto é, uma cultura própria aceitável na igreja visando atender demandas dos membros e se privou a ponto de interagir o mínimo possível com

a sociedade - a não ser em programações chamadas evangelísticas. Assim a igreja já não figurava em esferas importantes e essenciais, deixando de atuar em algumas áreas importantes da sociedade, como por exemplo política, cultura, ciência, artes etc.

3. MÚSICA: CRIAÇÃO, QUEDA E REDENÇÃO

Partindo do ponto que, a criação existe por causa de Deus e não o contrário, isso nos mostra que tudo que foi criado a partir das normas divinas, como um modo de ser e, se existe um modo de ser de Deus, e um modo de como Ele faz as coisas, isso se torna um padrão dentro da ordem criacional. Sendo assim, a cosmovisão cristã começa com a doutrina da criação e não com a conversão individual. Entender isto nos fará seguir o padrão que deu origem a todas as coisas, inclusive a música.

A música cúlrica sempre foi colocada de maneira muito espiritualizada, embora isso não seja completamente errôneo, pois não podemos ignorar o fato de que existe sim uma busca do homem pelo espiritual, mas isso se dá segundo Kuyper (2008) devido a impressão do *sensus divinitatis*⁴⁶ colocado no homem pelo próprio Deus. A música em sua essência é boa, fazendo parte da boa criação de Deus. Dentro da cosmovisão cristã, ela deve ser desenvolvida por uma natureza regenerada; assim todo ser espiritual e racional devem convergir dentro da cosmovisão cristã para o estabelecimento de uma boa música, tendo por alvo o próprio Deus ou sua criação - não meramente algo místico,

⁴⁶ *Sensus divinitatis é uma terminologia usada por João Calvino para descrever um sentido humano hipotético. Ao invés de conhecimento de ambiente envolvente, como através do sentido e do olfato ou visão, o sensus divinitatis dá alegadamente aos humanos o conhecimento de Deus.*

limitado a sentimentos e vontades, mas com todo ser bendizendo a Deus. Isso nos traz mais responsabilidade, porque de acordo com a cosmovisão cristã, temos que interagir com toda a criação e também com a cultura de maneira a ressignificá-la e a música tem um papel muito importante neste processo, pois ela precisa sair das paredes da igreja e cumprir o seu papel como arte.

Precisamos sair do ambiente privado e invadir todas as áreas da vida humana, objetivando a glória de Deus. Sendo assim, a música como um todo existe por causa de Deus e para Deus. Isso não significa dizer que só será feita com temáticas religiosas, mas com este entendimento renovado o homem estará livre de prisões, tais como da religiosidade.

Segundo a cosmovisão cristã, primeiro de tudo há Deus, o criador dos céus e da terra; Ele é o Ser principal do universo, que não tem princípio, nem fim. A narrativa bíblica começa com a afirmação “No princípio Deus...”. Como afirma John Stott, essas três primeiras palavras da Bíblia não são apenas uma introdução à história da criação ou ao livro de Gênesis: “elas fornecem a chave que abre nossa compreensão da Bíblia como um todo, revelando-nos que na religião bíblica a iniciativa é de Deus” (STOTT, 2007, p. 11). Diferentemente das narrativas pagãs, onde os deuses criam o mundo a partir de um embate cósmico ou de material pré-existente, houve um tempo que o mundo, a matéria e toda a criação não existia, apenas Deus. Uma cosmovisão bíblica precisa incluir a compreensão básica entre Deus e tudo o que existe, uma vez que as coisas só existem porque Deus a chamou à existência, desta forma precisamos hostilizar o pecado que invadiu a criação, porém interagir com toda a criação de Deus.

3.1 QUEDA

Toda história da teologia está extremamente influenciada pelo entendimento dos efeitos da queda na criação. Diante deste estado de queda, deveria existir a extinção da vida, o juízo de Deus deveria ser aplicado, mas logo após a queda Deus contém os avanços da maldade e refreia os efeitos do pecado para que a vida possa prosseguir no seu desenvolvimento, não sem os efeitos do pecado, mas segundo a visão kuyperiana eles são sustentados pela graça comum. “Graças ao grande amor do senhor é que não somos consumidos, pois as suas misericórdias são inesgotáveis” (Lm 22:3), o Espírito Santo de Deus promove a continuidade da história que irá convergir para a salvação e restauração de todas as coisas. Adão e Eva escolheram abandonar a relação de dependência que mantinham com seu Criador a fim de se tornarem independentes e autônomos.

A partir dessa busca de autonomia e independência do Criador, todas as nossas afeições e capacidades foram seriamente danificadas e distorcidas de forma devastadora. De acordo com Schaffer (2014), São Tomás de Aquino, em sua tentativa de entender a queda, achou que a queda não afetou tanto a luz da razão, mas afetou à vontade e afetou os outros elementos. Neste sentido, Schaffer pensa que ele abriu espaço para o movimento de secularização no ocidente.

Por outro lado, algumas pessoas chegam a um ponto tão pessimista que, não acreditam ser possível ao ser humano desenvolver absolutamente nada de bom. A queda não traz a ideia que o ser humano é um monstro, mas significa que, tudo que fazemos tem a marca do pecado. As pessoas ainda têm condições de amar umas às outras, a mãe sente prazer em

amamentar o filho, porém, a queda pode trazer a distorção da Imago Dei⁴⁷, mas não a destruição total.

Com a música não foi diferente, pois ela foi afetada e necessita de restauração, mas não podemos esquecer que o intelecto do homem também foi afetado, e qualquer um que desenvolva a arte precisará aceitar sua condição de imperfeição. Sendo assim, tudo que o homem se propuser a fazer estará nesta constante tensão. Contudo, no cenário da música cristã sempre imperou um julgamento pesado e uma classificação entre sagrado e profano, um dualismo forte que não tem o objetivo de separar música boa e música ruim, e sim, santificar ou demonizar, sem levar em consideração a queda e todos os seus efeitos. Dentro da cosmovisão cristã e com esta visão de queda, ninguém será considerado inocente diante de Deus ou inculpável. É interessante que constantemente vemos pessoas que frisam músicas que agradam a Deus, mas, em que se baseiam? Será que é em seu próprio intelecto, como se ele não tivesse sido afetado?

3.2 REDENÇÃO

A criação, queda, e redenção norteiam o mundo, mesmo que alguns tenham dificuldade com esta linguagem, pois, a palavra redenção é muito interligada a religião, mas se pensarmos em redenção como solução, ficaria mais fácil interligar a conceito. O não cristão pensa nisto: todos tem um padrão de mundo ideal e este mundo representa um tipo de criação. Mas até o cético pensa que tem um pouco de noção ao seu redor, sabe que o mundo real não bate com o mundo ideal, porque o

⁴⁷ *Imago Dei é uma expressão oriunda do latim que significa "imagem de Deus"*

mundo real está estragado, está cheio de problemas, cheio de injustiças, reflete aspectos da queda, mas ele não vai se contentar em ficar só neste mundo real, ainda que não queira resolver os problemas do mundo, mas ele quer resolver os seus próprios, toda esta percepção é colocada no homem pelo próprio Deus segundo o livro de Eclesiastes. “Ele fez tudo apropriado a seu tempo. Também colocou no coração do homem o desejo profundo pela eternidade; contudo, o ser humano não consegue perceber completamente o que Deus realizou”. (Eclesiastes 3.11). Todo este entendimento se apresenta no dia a dia das pessoas, quando elas movidas desta percepção, aplicam o entendimento a compreender como funciona todo meio que estão inseridas, mesmo que não consigam conceber o real sentido. Então, mundo real, mundo ideal e solução são equivalentes a criação, queda e redenção.

Temos algumas versões digamos que seculares para esta reflexão, pensando no cinema: se você olhar para cada história, sempre tem um personagem que irá passar por todos aqueles problemas, mas no final a ideia é pensar em redenção, que tudo aquilo que a personagem passou termine com um “final feliz”. Muitas vezes pensamos que as pessoas clamam por salvação, mas na verdade o que elas estão procurando é soluções para os seus problemas, um “final feliz”, um tipo de redenção. Com a música não é diferente, as pessoas procuram um tipo de bem-estar, algo transcendente.

Nós podemos ter uma perspectiva de mundo ideal, assim como uma ideia de música ideal, porque as pessoas têm uma noção de queda pela revelação geral, elas podem reconhecer verdades criacionais, e até estragos que o homem produziu, mas para perceber redenção precisa-se de uma revelação especial,

uma revelação bíblica. Vemos quando as pessoas tentam propor as mais variadas receitas de redenção, em várias esferas da vida humana: isto seria um “humanismo” promover redenção pela sua vontade, seu intelecto, mas quando Deus opera redenção Ele faz de fora para dentro:

Em primeiro lugar, a salvação não diz respeito apenas a salvar o homem de um estado de coisas, mas a fazê-los retornar para um estado original. Assim, a redenção é, antes de tudo, uma obra restauradora, curativa. Como afirma o teólogo Albert Wolters: “É surpreendente que todas as palavras básicas que descrevem a salvação na Bíblia sugerem o retorno a um estado ou situação originalmente bom”. O objetivo de Deus não é abandonar sua criação, mas restaurá-la novamente para que ela volte a ser “muito boa”. (WOLTERS, 2006, p. 79, apud RIBEIRO, 2020).

Deus nos regenera, isto é, ele reacende em nosso coração a lâmpada que o pecado tinha apagado. Antes do pecado, nossa condição era normal, não necessitávamos das Escrituras de modo escrito (mas sempre necessitamos da revelação de Deus), mas em nossa condição atual, necessitamos de luz para poder andar. Logo necessitamos da junção da Regeneração da alma, da luz das escrituras para andar e enxergar, e do Espírito Santo para dar entendimento de como aplicar e entender a verdadeira essência da Escrituras. Até as escrituras podem ser interpretadas de maneira equivocada. Por

que temos tanta certeza sobre a música que agrada a Deus? Será que não seria a música que nos agradou primeiro? Pois toda a música que estava presente desde a ordem criacional precisa estar debaixo da soberania de Cristo, seja cúltiva ou não.

4. MÚSICA E GRAÇA COMUM

A graça comum está presente em cada pessoa, pois é algo dado indistintamente por Deus. Como afirma Nascimento (2020), a ordem de desenvolver cultura não foi dada apenas aos cristãos, mas à toda humanidade, no princípio de todas as coisas. Ela é comum porque seus benefícios são destinados a todas as pessoas, sem distinção entre uma pessoa e outra e é graça porque é imerecida e soberanamente concedida por Deus. Assim cada pessoa é livre para desempenhar música a partir desta graça e muitas vezes obras belíssimas, mesmo não estando inseridas em um contexto cúltico, gera contribuição para a cultura expressada por sua música. Precisamos entender que por mais que o homem esteja em sua condição de pecado, esta condição não é absoluta, pois assim que ocorre a queda do homem, Deus dá à sentença, mas de pronto refreia os efeitos do pecado através da graça comum:

O Calvinismo se opôs a esta concepção sobre a condição moral do homem caído, por um lado tomando nossa concepção de pecado no sentido mais absoluto e, por outro, explicando aquilo que é bom no homem caído por meio do dogma da graça comum. O pecado, segundo o Calvinismo, o que está em pleno acordo com as Escrituras Sagradas, o pecado desenfreado e

desacorrentado, deixado a si mesmo, teria imediatamente conduzido a uma degeneração total da vida humana, como pode ser inferido do que foi visto nos dias anteriores ao dilúvio. Mas Deus interrompeu o curso do pecado a fim de evitar a completa aniquilação de Seu divino trabalho manual, o que naturalmente teria acontecido. Ele interferiu na vida do indivíduo, na vida da humanidade como um todo, e na vida da própria natureza através de sua graça comum. (KUYPER, 2019, p.130)

Esta Graça comum não aniquila o pecado, mas permite que o homem consiga produzir boa arte através de fagulhas da glória de Deus. Claro que isto não pode ser imputado para a salvação de alguém, pois sabemos que a salvação é pelo sacrifício de Cristo, mas nos leva a entender que não podemos demonizar a arte musical de alguém somente porque não é religiosa, pois a Bíblia fala em que somos imagem e semelhança de Deus:

São usadas em pares por possuírem conceitos muito semelhantes, דָּלָה tzelem (imagem) e לִמְדוּת demut (semelhança), formam uma estrutura poética, no hebraico, chamada de paralelismo, onde a segunda palavra, do par, expande e reforça o sentido da primeira. [...] (SILVA, 2020, grifo nosso)

Podemos pensar neste caso que, não só a imagem de Deus, mas também a parte criativa, pois Deus espera que a

criatura crie, não a partir do nada, porque só o criador o faz, mas que desenvolva música de diversas formas, tendo como bússola o próprio Criador de tudo.

O professor David Naugle, por exemplo, na introdução do livro Sabedoria e prodígio afirma:

Como avaliar as contribuições de um, digamos, Steve Jobs para a cultura humana? Como os cristãos a quantidade imensurável de coisas boas realizadas por quem se presume não estar em um relacionamento pactual com Deus? ” (NAUGLE, 2018, p. 3 apud KUYPER, 2018).

A graça comum é a resposta: a misericórdia divina paira sobre todas as suas obras. Temos obras belíssimas, como as de Luiz Gonzaga que retratam o sofrimento no sertão nordestino. “Só deixo o meu Cariri no último pau de arara”, ou essa afirmação na música de Renato Russo “É preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã, porque se você parar para pensar na verdade não há”, frisando a importância de amar e a brevidade da vida sem contar melodias belíssimas.

Falar sobre música cültica e música não cültica em paralelo a graça comum nos dá uma grande disparidade de pensamento, podendo nos deixar sem respostas para estes casos. Se formos fazer análises em letras, por exemplo, porque achamos incoerência nas músicas tanto de um lado quanto de outro. Contudo este pensamento faz o cristão refletir, quanto ao mundo que o cerca, tendo em vista que, não só a igreja, mas todo o mundo pertence a Deus, e em ambos deve ser investigado a boa música.

Quando relacionamos músicas instrumentais, é necessária inspiração para desenvolver melodias que trabalhem esta parte emocional do ser e encanta com a simplicidade que é feita. Mas como denominá-la cúllica se não tem letra? Poderíamos julgar o compositor, ou mesmo quem a toca e se privar de ouvir algo tão belo? São questionamentos que precisam ser pensados tendo como base graça comum para entender a extensão desta mesma graça.

A arte que é comunicada pela música chega a ser uma incógnita no que concerne ao sentimento que causa e de fato não só na música cúllica, mas na música em geral, em sua expressão maior tem uma parte abstrata que rompe barreiras e causa sentimentos a quem a ouve. Isso reflete muito sobre a essência de um Deus criativo e que se revela nas emoções do ser através de sons e, mesmo sem palavras, o criador consegue encantar e comunicar. Quem nunca ficou maravilhado ao estar em um sítio ouvindo pássaros cantando canções que tocam a alma ou mesmo o som das águas? Ou até mesmo um vento que ecoa em uma caverna causando um eco suave como se fosse um chocolate quente em um dia de neve. A música como um todo será redimida, ela sofre o efeito do pecado, mas também desfruta desta graça comum que sustenta toda criação até ser redimida completamente por Jesus.

5. PARÂMETROS PARA PENSAR A MÚSICA CÚLTICA E A MÚSICA NÃO-CÚLTICA

A música cúllica é utilizada na igreja com o propósito de louvar a Deus e conduzir a igreja a adorá-lo. Neste aspecto, temos que considerar alguns parâmetros já que temos um objetivo principal, pois ninguém iria a um show de rock ou heavy metal e

tocaria uma música erudita. Seria no mínimo fora do contexto, já que teria um objetivo específico a ser alcançado.

No que concerne a um modelo específico de música observando a Bíblia, temos os Salmos e Cânticos espontâneos que não tem um padrão musical atual, já que não temos a melodia juntamente com a letra para especificar a ideia musical, mas utilizando a Bíblia para entender uma postura a ser tomada e a maneira correta de reter o que é bom e descartar o que não é. Ela alerta que precisamos nos transformar pela renovação do nosso entendimento, como diz Paulo em uma de suas cartas, a partir daí ouvir ou fazer música de acordo com este pensamento renovado, e isto traz muito mais responsabilidades como diz Schaeffer:

Para o cristão redimido pela obra de Cristo e que vive segundo à obra das escrituras e que vive segundo as normas das escrituras e sob a liderança do Espírito Santo, o senhorio de Cristo deve incluir o interesse pela arte. O cristão deve utilizar a arte para glorificar a Deus, não simplesmente como propaganda evangelística, mas como algo belo para glória de Deus. (SCHAEFFER, 2009, p. 19)

Este pensamento não elimina a criatividade poética ou proíbe a música de tratar temas diversificados, mas se tratando de música com uma função especificada, dentro de um momento separado para a adoração, seria coerente uma temática que atenda ao objetivo certo, porque estamos falando de música cúltica. Porém, isto não nos permite afirmar que as outras

músicas não selecionadas têm essência inferior ou não agrada a Deus por não estar presente nestes momentos específicos ou ganhe um rótulo de anticristã. É preciso evitar os extremos.

Na execução, em tempos mais antigos, não se utilizava quase nenhum instrumento porque era a realidade do momento. Com o tempo, foram sendo acrescentados alguns instrumentos, e agora nos tempos modernos temos aparatos sonoros diversificados e com o apoio da tecnologia vemos uma evolução a fim de enriquecer e facilitar todo processo. Não podemos demonizar aquilo que vem para ajudar e acrescentar beleza ao que está sendo feito baseado em preconceitos.

Ter uma música direcionada para um momento específico não significa se separar do mundo, até porque todo este mundo está sobre o senhorio de Cristo. Pensando em beleza, esta estética na música nos remete a algo divino que muitas vezes não conseguimos explicar, como ela consegue tocar as nossas emoções nos deixando sem explicação é como falar de algo mais abstrato, imagina o compositor que explicar o amor em uma canção, ao mesmo tempo o músico consegue passar o mesmo sentimento em cada nota tocada, isto não tem haver com o fato de a música ser cúltica ou não cúltica, ela só precisa ser música boa para expressar o belo e assim se tornar uma obra de arte, mas este fato não a torna propriamente sagrada, olhando o outra ótica, Schaeffer nos impulsiona a entender a responsabilidade de avaliar os dois lados:

Como cristãos, precisamos entender que o simples fato de um artista - mesmo um grande artista - retratar uma cosmovisão por escrito ou em uma tela, não significa que devemos

automaticamente aceitar sua cosmovisão. De fato, a arte pode aumentar o impacto da cosmovisão e podemos contar com isso, mas isso não torna algo verdadeiro. A Verdade de uma cosmovisão apresentada por um artista deve ser julgada à parte de sua grandeza artística. (SCHAEFFER, 2009, p. 53)

Refletindo sobre este pensamento de Schaeffer (2009), a música deve ser avaliada em alguns aspectos, excelência técnica, validade, conteúdo intelectual e a cosmovisão que está sendo colocada. Precisamos ser verdadeiros com o artista caso julgemos sua música, mesmo não concordando com sua cosmovisão, entendendo que, mesmo se tratando de uma música não cúltica não podemos desvalidar a sua arte:

Exatamente por causa disso, porque escolas, pastores e pais têm deixado de fazer distinção entre excelência técnica e conteúdo, grande parte das obras de arte de qualidade tem sido rejeitada com escárnio e chacota. Em vez disso, se o artista tiver alto nível de excelência técnica, ele deve ser reconhecido, ainda que discordemos de sua cosmovisão. As pessoas devem ser tratadas de maneira justa. (SCHAEFFER, 2009, p. 54)

Dentro da Música temos um exemplo disso como o cristão que está dentro de uma cosmovisão Cristã, e desenvolve a sua música a partir dela, ele desenvolve toda a sua parte musical

respeitando esta cosmovisão que está dentro de si e prefere trabalhar temáticas apenas religiosas, ele faz opção por não interagir com nada que fuja desta realidade, estando assim sem qualquer interação com o mundo fora dali.

Por outro lado, temos o Cristão que tem a cosmovisão cristã e desenvolve a sua música a partir dela, mas entende a importância de interagir com o mundo que está inserido.

5.1 MÚSICA NÃO CÚLTICA

A música não-cúltica não tem o propósito específico que a música cúltica tem dentro da igreja, porém, elas não estão guerreando em lados opostos, assim como o dualismo já trabalhado neste artigo propõe, apenas tem funções diferentes. A partir de uma posição mais elevada podemos observar que a música atua de maneira boa indistintamente, como temos visto neste artigo, logo, esta posição nos permite refletir sobre as contribuições desta música não-cúltica e a atuação de pessoas que não compartilham diretamente um relacionamento com a igreja. Veja este exemplo em outras esferas de atuação:

Se me perguntassem se me perguntassem se Benjamin Franklin ou Thomas Jefferson eram pessoalmente cristãos, a resposta conforme pode-se julgar com base no que disseram seria. Entretanto, eles produziram algo que possuía algum tipo de fundamentação cristã porque se baseiam no consenso cristão da Lex Rex de Samuel Rutherford. Portanto, a partir de uma estrutura cristã, Jefferson e Franklin puderam escrever que as pessoas possuem certos direitos

inalienáveis, uma noção derivada de uma cosmovisão particularmente cristã. (SCHAEFFER, 2009, p. 58).

Através do livro "A Arte e a Bíblia" de Schaeffer, nós podemos destacar dois tipos de pessoas na esfera da música não-cúltica. A primeira seria o indivíduo que não é pessoalmente cristão, mas que expressa sua música com base no senso cristão pelo qual foi influenciado. O segundo tipo é o não-cristão que expressa sua própria cosmovisão não-cristã. Logo, precisamos de critério para julgar se a música é boa ou ruim, independentemente de ser cúltica ou não-cúltica.

O dualismo com a influência que exerceu no passado e que exerce ainda hoje, em uma tentativa de tornar impuro o que Deus não o tornou, traz um julgamento pesado sobre a música não-cúltica, deletando-a sem qualquer exame proveniente de uma cosmovisão cristã autêntica, isso causa problemas sérios para música em sua essência. Temos uma relação profunda entre a música não-cúltica e a graça comum, como já dito neste artigo, por mais que o homem esteja em sua condição de pecado, esta condição não é absoluta, pois, assim que ocorre a queda do homem, Deus dá à sentença, mas de pronto refreia os efeitos do pecado através da graça. Esta graça permite ao homem desenvolver música de maneira criativa, autêntica, e com características que revelam muito sobre a ética de Deus, ela não aniquila o pecado, mas permite que o homem expresse a boa música.

A música não-cúltica desenvolve os princípios que lhe tornam boa arte, mesmo sem lidar com temas religiosos. Por exemplo, a Bíblia contém uma canção de amor entre um homem

e uma mulher (os cânticos de Salomão) e a canção de Davi para os heróis nacionais de Israel, valores que estão em harmonia com a cosmovisão cristã. Em outras palavras, da mesma maneira que o não-cristão pode ter coerência e expressar os princípios de Deus em sua música, apesar de sua filosofia pessoal, também é possível o cristão ser inconsistente e incorporar uma cosmovisão que não esteja totalmente alinhada com a Bíblia.

Schaeffer (2009) também faz uma diferenciação entre tema menor e tema maior da arte que nós podemos adaptar para a música. Em um tema menor podemos entender o mundo como rebelde, onde os homens se revoltaram contra Deus, onde um cristão pode fracassar por causa do mal que está dentro dele, que mesmo que venhamos a experimentar uma restauração significativa, não podemos chegar a um nível de perfeição.

Em um tema maior seria o oposto, Deus intervém, Ele existe, nem tudo é absurdo, podemos encontrar equilíbrio, existe boa música não só a música ruim, existe criatividade, não só a criação mecânica, este tema maior traz o otimismo com relação a existência e esse otimismo tem uma fundação satisfatória, pois Deus existe e possui um caráter, que rege o universo.

Tudo isto nos faz perceber a música não-cúltica como boa arte, eliminando o problema da interação do cristão com ela, pois, interagir com ela é interagir com toda criação Divina, que será redimida pelo próprio Deus. O fato do cristão apreciar música não cúltica, não significa que o cristão pode apreciar qualquer coisa.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos neste artigo o peso que o dualismo pode exercer na música, tanto cúltica como não-cúltica, e compreender isto nos fez mergulhar em um limpo oceano onde tudo que poderia nos ferir, ficou aparente para que tomássemos o devido cuidado de não encharcar nossos pressupostos, nos deixando intolerantes quanto a que tipo de música ouvir ou descartar.

Entendendo bem todo processo de criação como parâmetro para esta jornada pela música, entendendo os efeitos da queda, mas sem perder de vista a redenção através do sacrifício de Cristo, que teve efeito redentor não só para o homem, mas para tudo, incluindo música.

Desenvolvendo uma cosmovisão também baseada na graça comum que aparece em cena na história da humanidade por permissão do próprio Deus, refreiam o efeito devastador do pecado e trazendo uma sustentação para toda criação, e assim também a todas as esferas da vida, incluindo a música que será um dia redimida totalmente pelo próprio Deus. Vamos criar através do dom criativo que Deus colocou em nós, vamos nos libertar de toda e qualquer religiosidade e desenvolver boa música, quer seja cúltica ou não-cúltica.

Diante de todos estes fatos não devemos nos desencorajar em buscar a boa música, a boa arte, a beleza, precisamos sim, nos despir de alguns preconceitos e desenvolver o que Deus esperava de nós quando criou todas as coisas, que dominassem sobre a natureza criacional (Gênesis 1:28), não no sentido de destruí-la, mas em um sentido cultivá-la, desenvolvendo tudo isto através da criatividade.

Hoje, mesmo após a queda do homem, podemos desenvolver boa música através de uma visão ampliada, uma cosmovisão sólida, sabendo que não temos a capacidade de restaurar este mundo, mas estamos aqui para servir. Música expressa vida, muitas vezes ao fechar os olhos contemplamos em uma melodia a beleza, em um acorde a suavidade, em uma letra o amor e o alívio para dias ruins através da boa música.

REFERÊNCIAS

GOHEEN, Michael W.; BATHOLOMEW Craig G. **Introdução à cosmovisão cristã**: vivendo na interpretação entre a visão bíblica e a contemporânea. São Paulo: Vida Nova, 2016.

GONZAGA, Luiz [Intérprete, música]; ALBUQUERQUE, Marcos Cavalcanti de (o Venâncio) [compositor]; ESPÍRITO SANTO, Manuel José do (o Corumba) [compositor]; GUIMARÃES, José [compositor]. Pau de Arara. Último pau de arara. Natal: Voz e Alma, 1996. Intérprete Coral da PETROBRÁS. Disco LP de 78 RPM. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/luiz-gonzaga/ultimo-pau-de-ara-ra.html> Acesso em: 20jun.2020.

KUYPER, Abraham. **Calvinismo**. São Paulo: Cultura cristã, 2019.

KUYPER, Abraham. **Sabedoria e prodígios**: graça comum na ciência e na arte. Brasília, DF.: Monergismo, 2018.

NASCIMENTO, Bruno. Introdução à cosmovisão. **Apostila** do Curso de Teologia EAD. Faculdade Internacional Cidade Viva: João Pessoa, 2020. Disponível em: [https:// ead.cidadeviva.br](https://ead.cidadeviva.br) Acesso em: 20jun.2020

PEARCEY, Nancy. **Verdade absoluta**: libertando o cristianismo do seu cativo cultural. 5ª imp. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

RUSSO, Renato [Intérprete, compositor] ; VILLA LOBOS, Dado [música]; BONFÁ, Marcelo. Pai e Filhos. As quatro estações. Rio de Janeiro, 1989. CD. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/renato-russo/75858/> Acesso em: 20jun.2020.

SCHAEFFER, Francis A. **A arte e a bíblia**. São Paulo: Ultimato, 2009.

SCHAEFFER, Francis. **A morte da razão**. São Paulo: ABU Editora; Viçosa: Ultimato, 2014.

SILVA, Israel. Imagem e semelhança de Deus: façamos o homem: a criação do homem. Antigo Testamento. **Blog. Hebraica**. Gênesis. Disponível em: <https://acruzhebraica.com.br/antigo/imagem-e-semelhanca-de-de-us-facamos-o-homem/#:~:text=E%20s%C3%A3o%20usadas%20e%20pares,refor%C3%A7a%20o%20sentido%20da%20primeira> Acesso em: 20nov. 2020

STOTT, J. **Cristianismo Básico**. Viçosa: Ultimato, 2007.